

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Curso de Especialização em Língua Portuguesa:
Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto

Ana Laura Bronzatti de Morais

BOOKTOK: contribuições para desenvolver o hábito de leitura em sala de aula

BELO HORIZONTE

2025

Ana Laura Bronzatti de Moraes

BOOKTOK: contribuições para desenvolver o hábito de leitura em sala de aula

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Daniervelin Renata Marques Pereira

BELO HORIZONTE

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA

FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

Realizou-se, no dia 20 de outubro de 2025, às 14:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "BookTok: contribuições para desenvolver o hábito de leitura em sala de aula", apresentado por ANA LAURA BRONZATTI DE MORAIS, número de registro 2024668628, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Daniervelin Renata Marques Pereira - Orientadora, Profa. Elaine Teixeira da Silva, Profa. Laura Mendes Claro.

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 20 de outubro de 2025.

Profa. Daniervelin Renata Marques Pereira (Doutora)

Profa. Elaine Teixeira da Silva (Mestra)

Profa. Laura Mendes Claro (Mestra)



Documento assinado eletronicamente por **Elaine Teixeira da Silva, Usuária Externa**, em 20/10/2025, às 16:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniervelin Renata Marques Pereira, Professora do Magistério Superior**, em 20/10/2025, às 16:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Laura Mendes Claro, Usuária Externa**, em 21/10/2025, às 12:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 4644512 e o código CRC 8CD31D6C.

RESUMO

A pesquisa teve como foco investigar como o fenômeno digital *BookTok*, comunidade do TikTok voltada à literatura, pode contribuir para a formação leitora de adolescentes. O estudo buscou compreender o impacto positivo e negativo dos *booktokers* no incentivo à leitura, articulando-os às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e propondo práticas pedagógicas. De caráter qualitativo e exploratório, a pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica e análise de vídeos de perfis literários, com foco nos recursos multimodais, estratégias persuasivas e representações da leitura. A partir dessa análise, foi elaborada uma proposta pedagógica de uma oficina de leitura e produção textual que mobiliza etapas antes, durante e depois da leitura (Solé, 1998), integrando multiletramentos e letramento digital. Os resultados indicam que o *BookTok* tem potencial para engajar jovens leitores ao aproximar a literatura de linguagens digitais familiares, embora apresente riscos como superficialidade e consumo acrítico. Conclui-se que, quando mediado criticamente pelo professor, o fenômeno pode ser incorporado como recurso pedagógico, fortalecendo o protagonismo estudantil, ampliando a competência leitora e ressignificando o hábito da leitura no contexto escolar.

Palavras-chave: leitura; cultura digital; BookTok; multiletramentos.

ABSTRACT

The research focused on investigating how the digital phenomenon BookTok, a TikTok community focused on literature, can contribute to adolescent reading development. The study sought to understand the positive and negative impact of booktokers on encouraging reading, aligning them with the guidelines of the National Common Curricular Base (BNCC) and proposing pedagogical practices. Qualitative and exploratory, the research began with a literature review and analysis of videos of literary profiles, focusing on multimodal resources, persuasive strategies, and representations of reading. From this analysis, a pedagogical proposal was developed for a reading and writing workshop that encompasses stages before, during, and after reading (Solé, 1998), integrating multiliteracies and digital literacy. The results indicate that BookTok has the potential to engage young readers by bringing literature closer to familiar digital languages, although it presents risks such as superficiality and uncritical consumption. It is concluded that, when critically mediated by the teacher, the phenomenon can be incorporated as a pedagogical resource, strengthening student protagonism, expanding reading competence and redefining the habit of reading in the school context.

Keywords: reading; digital culture; BookTok; multiliteracies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Vídeo <i>Cordialmente Cruel</i>	25
Figura 2 – Vídeo <i>O Diário de Anne Frank</i>	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CULTURA DIGITAL E LEITURA.....	11
2.1. TikTok e funções cognitivas: desafios para a educação contemporânea	15
2.2. Os <i>BookToks</i> e o incentivo à leitura	17
2.3. Formação didática para o uso de mídias.....	19
3. METODOLOGIA	23
3.1. Análise dos Vídeos	24
4. PROPOSTA PEDAGÓGICA: OFICINA DE <i>BOOKTOK</i>	29
4.1. Base da proposta pedagógica.....	29
4.2. Etapas da Oficina de <i>Booktok</i> : explorando os <i>BookToks</i> em sala de aula.....	32
4.2.1. Antes da leitura: ativação de conhecimentos prévios e contextualização	34
4.2.2. Durante a leitura: produção autoral e reflexão crítica	35
4.2.3. Depois da leitura: produção e criação das resenhas criativas em vídeo	36
4.2.4. Etapa final: exibição e avaliação coletiva.....	38
4.3. Estratégias de avaliação do processo.....	40
5. CONCLUSÕES	43
6. FICHAS DE ACOMPANHAMENTO	45
REFERÊNCIAS.....	49

1. INTRODUÇÃO

O hábito da leitura é uma pauta recorrente na sociedade, especialmente quando se trata dos jovens, frequentemente rotulados como não leitores. A leitura é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e crítico, ampliando o vocabulário, a compreensão textual e a capacidade de interpretação dos leitores. No entanto, observa-se uma diminuição do interesse pela leitura tradicional, fenômeno frequentemente associado ao uso constante das redes sociais on-line e à utilização do celular, sobretudo para o consumo de conteúdos breves e imediatos, que acabam competindo com o tempo e a atenção dedicados aos livros. O que esses pontos de vista escondem é que os jovens leem muito e o uso de redes sociais on-line não é negativo por si só. O que ocorre é que esse meio favorece muito a leitura, mesmo que não apenas de textos culturalmente valorizados pela escola.

É inegável que as redes sociais estão profundamente inseridas no cotidiano da maioria dos adolescentes, proporcionando um ambiente favorável para interações sociais. Segundo a socióloga estadunidense Danah Boyd, em seu livro *It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens* (2014), o ambiente virtual é crucial para os adolescentes, permitindo-lhes interagir e conectar-se com comunidades as quais se identificam. Tendo em vista tal relevância, seria possível encontrar um equilíbrio ao utilizar as redes sociais como aliadas na promoção da leitura, em vez de vê-las apenas como concorrentes?

Nesse contexto de uso de redes sociais on-line, surge o termo *BookTok*, formado pela junção dos termos em língua inglesa *book* (livro) e *Tok* (derivado de TikTok, a plataforma digital de compartilhamento de vídeos curtos). Trata-se de uma comunidade virtual dedicada à promoção da leitura e da literatura dentro do TikTok, caracterizada pela criação de conteúdos variados, tais como resenhas, indicações de livros, comentários críticos e dramatizações, dele deriva o termo *booktoker*, que designa o sujeito que participa ativamente dessa comunidade por meio da produção de vídeos sobre literatura.

Esses criadores de conteúdo contribuem para a formação de redes de leitores, ao mesmo tempo em que influenciam diretamente no consumo e na circulação de obras literárias, sobretudo entre jovens.

No Brasil, alguns exemplos de perfis que se destacam pelo número de seguidores e temática literária são **Tiago Valente (@otiagovalente)**, que publica resumos e indicações de leitura; **Patzzic**, que populariza clássicos da literatura nacional como Machado de Assis em

linguagem acessível; e **Bia Glion (@biaglioni)**, que cria conteúdos voltados para sagas e literatura juvenil (Guia do Estudante, 2022; Instituto Claro, 2023; Migalhas, 2021).

Esses influenciadores buscam engajar seu público através da promoção de livros e incentivo a prática da leitura de forma acessível e atrativa. Um exemplo é *É Assim que acaba*, obra de Colleen Hoover, adaptada para o cinema em 2024. A autora é mencionada na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* em diversos rankings: autores mais conhecidos, autores que mais gostam e autores de literatura que mais gostam (Instituto Pró-Livro, 2024, p. 80-82).

Dessa forma, a presente pesquisa, intitulada “*BookTok*: contribuições para desenvolver o hábito de leitura em sala de aula”, visa investigar como os *booktokers* podem colaborar com a formação do hábito de leitura entre adolescentes, avaliando os aspectos positivos e negativos do contexto no qual o tema está inserido. Assim, nos questionamos: os *booktokers* podem colaborar na formação do hábito de leitura entre adolescentes? Quais são os impactos positivos e negativos dessa influência?

Diante desse cenário, a presente pesquisa se propõe a investigar, avaliar as narrativas dos *booktokers* para engajar o público leitor e adolescente, para além do que é cobrado em vestibulares (Zilberman, 1988, p. 134). O estudo busca compreender como essa nova mídia, particularmente o TikTok, pode ser utilizada de maneira estratégica para promover uma prática leitora mais significativa ao adolescente e realmente contribuir para o desenvolvimento de competências leitoras que contemplem os objetivos educacionais estabelecidos na BNCC.

Uma análise crítica dos *booktokers* se faz necessária devido ao crescente impacto das redes sociais on-line na vida dos adolescentes. Compreender como esses influenciadores digitais podem contribuir para a formação do hábito de leitura é uma forma de integrar a escola à vida social dos estudantes adolescentes, aproveitando seus interesses para desenvolver estratégias pedagógicas. Ao avaliar tanto os aspectos positivos quanto os negativos dessa influência, a pesquisa pretende fornecer sugestões pedagógicas para educadores e formuladores de políticas educacionais, ajudando a integrar novas mídias de maneira crítica e construtiva no ambiente escolar.

Uma pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, publicada em 2023, revelou que, em 2022, aproximadamente 60 milhões de domicílios (80%) possuíam acesso à internet e “92% da população brasileira com 10 anos ou mais era usuária de telefone celular” (Cetic.br, 2023, p. 26). A internet proporcionou espaços para que jovens e adolescentes encontrassem grupos on-line com os quais se

identificam e pudessem se comunicar livremente. Tal meio é predominantemente utilizado para a comunicação, conforme indicado pela alta porcentagem (94%) de jovens entre 16 e 24 anos que fazem uso das redes sociais on-line para esse propósito.

Segundo Santaella (2003, p. 24), desde “o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão de informação”. As redes sociais on-line, portanto, disseminam diversos tipos de informações e conteúdos. No entanto, quando se trata de livros e do hábito de leitura, Lajolo (2010) já comentava que os livros não são mais o meio de comunicação que mais influencia as pessoas e complementa:

O que a televisão transmite, o que se acessa pela internet e o que nos seduz em outdoors talvez tenham muito mais força do que as páginas do volume que lemos. E, face a todas estas mídias, somos mais passivos do que somos face a um livro, sobretudo um livro em torno do qual escola e família podem propor atividades, instigar discussão e reflexão (Lajolo, 2010).

No entanto, enquanto as redes sociais on-line oferecem uma oportunidade única para fomentar o interesse pela leitura entre os adolescentes, elas também apresentam desafios, como a superficialidade das informações e a distração constante. A relação entre o uso das redes sociais e a leitura entre adolescentes, portanto, é complexa, demandando uma abordagem crítica para maximizar os benefícios educacionais e minimizar os impactos negativos. Tais espaços virtuais desempenham um papel central na vida dos adolescentes, moldando suas interações sociais e hábitos de consumo de informações.

As redes virtuais possibilitam transformações nos vínculos pessoais e sociais, já que, por meio delas, se podem criar comunidades e laços afetivos com outros sujeitos, situados em qualquer parte do mundo, com o compartilhamento de vivências, ideias, percepções e sentimentos com facilidade e rapidez (Bordignon, Bonamigo, 2017, p. 312).

As novas tecnologias digitais estão inseridas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com o objetivo de promover “uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes” e de incorporar “a cultura digital, os multiletramentos e os novos letramentos” na formação dos alunos (Brasil, 2018, p. 487). Contudo, é fundamental reconhecer que as novas mídias digitais devem ser vistas como ferramentas complementares que contribuem para a aprendizagem, sem, no entanto, substituir outras mídias tradicionais. A integração dessas tecnologias deve ser feita de maneira crítica, de modo a enriquecer o processo educacional e ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem, sem comprometer a profundidade e a qualidade do conhecimento adquirido por meio de outros meios. Conforme a BNCC,

[...] a necessária assunção dos multiletramentos não deve apagar o compromisso das escolas com os letramentos locais e com os valorizados. É preciso garantir que as juventudes se reconheçam em suas pertencas culturais, com a valorização das práticas locais, e que seja garantido o direito de acesso às práticas dos letramentos valorizados (Brasil, 2018, 487).

Sendo a leitura um dos pilares essenciais na formação básica dos alunos, conforme estabelecido na BNCC, é fundamental promover o desenvolvimento de leitores autônomos e críticos. A leitura, além de ser uma ferramenta vital para a decodificação do mundo, é essencial para a compreensão do indivíduo sobre a realidade que o cerca, tendo em vista que “a conquista da leitura é o primeiro passo para a formação dos valores da sociedade, propiciando a participação social, compreensão do homem pelo homem, nível cultural, forma de lazer, formação e exercício da cidadania, inclusão e acessibilidade” (Moro; Estabel, 2012, p. 58).

Essa competência não apenas amplia o conhecimento e a capacidade analítica dos estudantes, como também lhes abre portas para uma participação ativa e informada na sociedade. A leitura desempenha um papel fundamental na formação cidadã, ao capacitar os alunos a se engajarem criticamente com o mundo, desenvolvendo autonomia intelectual, senso crítico e responsabilidade social, o que contribui para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, como destaca Rojo:

[...] ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela (Rojo, 2004, p. 2).

Embora as novas mídias digitais estejam contempladas na BNCC, com o intuito de integrar a cultura digital e os multiletramentos na educação, observa-se que “a escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva à formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes” (Rojo, 2004, p. 1). Essa constatação evidencia uma lacuna significativa no processo educativo, ao considerar que a simples inserção dessas tecnologias no currículo não é suficiente para garantir a formação de leitores críticos e autônomos.

2. CULTURA DIGITAL E LEITURA

As plataformas de redes sociais on-line revolucionaram a comunicação. Iniciando-se em 2006, com Orkut, Facebook e Twitter, elas se integraram ao cotidiano, sendo utilizadas para interação, formação de grupos, recrutamento profissional e obtenção de dados, além de promover a troca instantânea de informações ao aproximar pessoas e proporcionar acesso ágil à informação. A sociedade está em constante mudança e a internet exerce um papel essencial nessas transformações, influenciando diversos setores, uma vez que se tornou amplamente empregada em instituições de ensino, empresas e demais ambientes (Sousa *et al.*, 2016, p. 67).

Pierre Lévy (1999), ao explorar a relação entre a sociedade e o ambiente digital, utiliza o termo *ciberespaço*, originalmente cunhado pelo romancista norte-americano William Gibson, que o definiu como “o espaço de comunicação aberto pela intercomunicação mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Lévy, 1999, p. 92). Nesse cenário, emerge a *cibercultura*, conceito que Lévy especifica como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 16), o que promove uma dialética entre a cultura e o digital, assim como evidencia que a sociedade não apenas se adapta às novas tecnologias, mas também as transforma por meio de suas práticas e interações.

Sendo a cultura uma manifestação da ação humana, configurada a partir das interações do indivíduo com a sociedade, ela atribui significado e forma ao seu entorno, bem como aos elementos simbólicos que integram a vida em sociedade, com seus valores morais e representações. Nesse sentido, os “aspectos simbólicos de uma dada organização social não existem acima dos indivíduos, como ‘estrutura estruturada’, mas a partir da ação dos próprios indivíduos uns em relação aos outros, sujeitas a mudanças, como ‘estrutura estruturante’” (Passiani; Arruda, 2017, p. 135). Portanto, a internet sendo um meio:

[...] problematiza a forma midiática massiva de divulgação cultural. Ela é o foco de irradiação de informação, conhecimento e troca de mensagens entre pessoas ao redor do mundo, abrindo o pólo da emissão. Com a cibercultura, trata-se efetivamente da emergência de uma liberação do pólo da emissão (a emissão no ciberespaço não é controlada centralmente; todos podem emitir), e é essa liberação que, em nossa hipótese, vai marcar a cultura da rede contemporânea em suas mais diversas manifestações: chats, “Orkut”, jogos on-line, fotologs, weblogs, wikipédia, peer to peer para troca de músicas, filmes, fotos, textos, software livre (Lemos, 2004, p. 4).

Essa perspectiva pode ser aplicada à adaptação da cultura ao digital, pois o ambiente virtual não impõe uma cultura digital de forma unilateral; em vez disso, a cultura se reconfigura a partir das interações dos indivíduos com esse novo espaço e, ao mesmo tempo, o transforma.

A cultura não se torna essencialmente digital, mas incorpora os recursos e as dinâmicas do digital, adaptando-se a ele e, simultaneamente, ressignificando-o. Assim, a nova realidade passou a integrar diversos âmbitos da experiência humana, influenciando a educação, as relações afetivas, a vida profissional e os processos comunicativos, o que resultou na formação de uma nova identidade virtual (Yus, 2011, p. 21-22).

De acordo com Dalton Lopes Martins (2018), Doutor em Ciência da Informação, as práticas sociais da cultura digital podem ser categorizadas em quatro grandes eixos interconectados, cada um responsável por estruturar dinâmicas específicas de interação e produção simbólica no ambiente digital. As *práticas informacionais* estão relacionadas à organização, manipulação e estruturação de conteúdos digitais, consolidando-se na cultura do *hiperlink*, na qual a informação é acessada de maneira não linear, por meio de redes interconectadas de significados.

As *práticas comunicacionais*, por sua vez, dizem respeito à circulação da informação e à interação social mediada por tecnologias síncronas e assíncronas, caracterizando a cultura da mensagem instantânea, em que a comunicação ocorre de maneira ágil e contínua, o que redefine a experiência temporal das interações digitais. Já as *práticas relacionais* envolvem a construção e mediação de vínculos sociais no universo digital, intensificadas por plataformas interativas e redes sociais que operam a partir de fluxos temporais dinâmicos, configurando a cultura da *timeline*, na qual a visibilidade e o engajamento dos usuários são pautados por atualizações constantes.

Por fim, as *práticas curatoriais* referem-se à filtragem e personalização dos conteúdos digitais por meio de algoritmos que moldam a experiência do usuário, originando a cultura do algoritmo, na qual a curadoria automatizada direciona a informação acessada e consumida, bem como influencia tanto a personalização da experiência digital quanto a formação de bolhas informacionais. Dessa forma, tais práticas evidenciam a sofisticação das estratégias de manipulação simbólica no ambiente digital e demonstram como a cultura digital se estrutura a partir da inter-relação entre produção informacional, comunicação, socialização e curadoria de conteúdos (Martins, 2018, p. 55-60).

Assim, observa-se uma reestruturação de pensamentos, práticas e conceitos. Nesse sentido, a cultura digital não é uma estrutura rígida e predeterminada, mas um processo dinâmico em que as práticas sociais, comunicativas e identitárias são transformadas continuamente pela ação dos sujeitos. Isso fica evidente na forma como as redes sociais on-line, os ambientes virtuais de aprendizagem e as novas formas de interação moldam a experiência cultural contemporânea. O digital, portanto, é assimilado à vida cotidiana. Como pontua Marcos Palacios, sociólogo da comunicação, em entrevista concedida aos organizadores do livro *CULTURADIGITAL.BR*, “o digital virou parte do real life” (Savazoni; Cohn, 2009, p. 253), o que reforça a ideia de que o digital não substitui a cultura preexistente, mas a integra e a ressignifica.

A comunicação nesse ambiente é marcada pela troca ativa, em que leitores não apenas recebem, mas também reagem, recriam e difundem novas narrativas sobre os livros. Essa lógica participativa gera um fenômeno de expansão, em que a interconexão entre diferentes redes de leitores, a partir de interesses compartilhados, produz efeitos amplificados de alcance e influência (Preto, Silveira, 2008, p. 64). Assim, livros antes restritos a públicos muito específicos podem alcançar notoriedade e reconhecimento massivo, redimensionando o mercado editorial e os hábitos de leitura, especialmente entre as gerações mais jovens, profundamente imersas nas práticas digitais. Com isso, o *BookTok*, do qual falaremos mais adiante, não apenas promove obras literárias, mas reconfigura o próprio ato de ler, tornando-o cada vez mais social, fragmentado e instantâneo, em consonância com a lógica do consumo cultural na era digital.

Essa transformação no comportamento dos leitores e consumidores de conteúdo se insere em um contexto mais amplo de mudanças nas práticas midiáticas juvenis, que hoje “não significa mais uma relação passiva com um aparelho de TV, mas uma relação ativa com um computador, com a internet e com os games” (Preto, Silveira, 2008, p. 72), destacando o deslocamento da postura receptiva para a participativa. Nesse novo ecossistema digital, os jovens não apenas consomem conteúdos literários mediados por plataformas como o TikTok, mas também produzem resenhas, listas, reações emocionais e recomendações personalizadas, transformando a leitura em um ato interativo e comunitário.

O uso intenso do celular como principal ferramenta de acesso às redes sociais reforça esse cenário de mobilidade e constante conexão, no qual a leitura se torna mais fragmentada, multimodal e atravessada por estímulos visuais e sonoros. Dessa forma, o ato de ler,

tradicionalmente associado a momentos de recolhimento e concentração, passa a integrar as dinâmicas velozes e hiperconectadas da cultura digital, desafiando as concepções clássicas de formação leitora e exigindo novas formas de mediação e de compreensão do fenômeno literário na contemporaneidade. Nesse contexto, a cultura digital configura-se como um espaço dinâmico de vivência e experimentação de novas formas de interação social em escala global. A transversalidade das redes redefine práticas humanas, as quais ampliam as possibilidades de criação, circulação e compartilhamento de ideias, e permitem que distintas manifestações culturais se entrelacem, se expandam e se reinventem na sociedade conectada (Pretto, Silveira, 2008, p. 79).

A cultura digital, portanto, transforma a prática da leitura ao exigir habilidades de navegação entre múltiplas linguagens e suportes. Nesse contexto, destaca-se o leitor ubíquo, cuja “prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado” (Santaella, 2013, p. 20). Imerso em ambientes hipermidiáticos, esse leitor transita entre real e virtual, desafiando as fronteiras tradicionais da experiência estética. Assim, a cultura digital expande os repertórios expressivos e reformula modos de subjetivação ao instaurar um novo *ethos* de leitura baseado na simultaneidade, na responsividade e na consciência espacial.

Essa fusão entre dimensões não se limita à experiência da leitura: ela atravessa e reconfigura o próprio cotidiano. “O ciberespaço digital fundiu-se de modo indissolúvel com o espaço físico” (Santaella, 2013, p. 21), o que dissolveu as barreiras entre o mundo material e o virtual e instaurou uma nova percepção da presença e da ação humanas. A tecnologia deixou de ser mero instrumento externo para constituir-se como extensão orgânica dos modos de viver, comunicar e interagir, de forma que redefine a maneira como os sujeitos percebem o tempo, o espaço e as relações sociais, consolidando-se como parte inseparável da experiência contemporânea.

No contexto da cultura digital, torna-se fundamental que os modelos educacionais se ajustem às novas realidades tecnológicas. Como afirmado por Santaella (2013, p. 23), “cada novo estágio tecnológico introduz um modelo educacional e processos de aprendizagem que lhes são próprios”, o que evidencia a necessidade de revisão dos métodos e práticas pedagógicas. A incorporação de tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem exige que a educação se organize para atender às novas formas de interação e aquisição de conhecimento, que transitam entre o físico e o digital. Nesse sentido, a adaptação educacional

não é apenas uma resposta às mudanças tecnológicas, mas uma exigência para preparar os indivíduos para um ambiente de aprendizagem dinâmico e contínuo.

2.1. TikTok e funções cognitivas: desafios para a educação contemporânea

A emergência e a consolidação das redes sociais digitais, particularmente de plataformas baseadas em vídeos curtos como o TikTok, têm suscitado uma série de investigações que problematizam seus impactos cognitivos, emocionais e educacionais. Nesse cenário, destaca-se a pesquisa de Chen *et al.* (2022), cujo objetivo foi examinar os efeitos da adição a vídeos curtos na atenção de usuários universitários. Os resultados revelaram que participantes classificados como viciados apresentaram dificuldades tanto na concentração durante a visualização de vídeos quanto em tarefas cognitivas subsequentes, como a de *Stroop*, um teste de interferência cognitiva no qual o indivíduo deve nomear a cor da tinta de palavras, ignorando o conteúdo escrito, o que exige inibição de respostas automáticas e atenção seletiva. Métricas de *eye-tracking*, tecnologia de rastreamento ocular que permite acompanhar fixações visuais, e desempenho demonstraram menor precisão, maior número de fixações e respostas mais lentas entre os usuários dependentes, apontando para prejuízos no controle executivo e na atenção sustentada. Tais achados evidenciam que o consumo intensivo desse tipo de conteúdo compromete não apenas a experiência imediata, mas também a capacidade de foco e retenção cognitiva em atividades posteriores.

A relação entre leitura, cognição e desenvolvimento socioemocional é retomada por Gotlieb *et al.* (2022), que sintetizam evidências de diversas áreas para propor diretrizes educativas alinhadas às descobertas neuropsicológicas contemporâneas. O estudo destaca a interdependência entre alfabetização e competências socioemocionais e propõe que práticas pedagógicas eficazes devem integrar explicitamente ambos os domínios. A alfabetização, nesse contexto, ultrapassa a mera decodificação textual, sendo compreendida como um processo cultural e afetivo que requer abordagens sensíveis às diferenças neurodiversas e socioculturais. Ao considerar também as formas digitais de leitura, o artigo (Gotlieb *et al.*, 2022) reafirma a necessidade de um currículo que contemple as múltiplas linguagens da cultura digital, de modo a promover o desenvolvimento integral do sujeito.

Em consonância com tais evidências, a análise de Pedrouzo e Krynski (2023) aponta para o TikTok como um fenômeno com elevado potencial de impacto sobre a saúde psicossocial

de crianças e adolescentes. A partir de uma revisão narrativa, os autores associam o uso intensivo da plataforma a prejuízos como distúrbios do sono, diminuição do rendimento acadêmico e o surgimento de comportamentos problemáticos.

O algoritmo da plataforma, ao estimular o sistema dopaminérgico por meio de recompensas rápidas, potencializa o comportamento aditivo, o que torna a experiência de uso menos consciente e mais compulsiva. As falhas na moderação de conteúdo e a ausência de limites claros contribuem para a exposição a riscos, exigindo políticas públicas e ações educativas de mitigação.

A preocupação com os efeitos emocionais do uso excessivo da plataforma é aprofundada na pesquisa de Fan (2023), que verificou correlação significativa entre o tempo de uso diário do TikTok e os níveis de ansiedade entre adolescentes chineses. Dos 150 participantes, grande parte relatou sintomas como palpitações, tensão, dificuldade de concentração e aumento do estresse acadêmico. Esses achados indicam que a lógica de gratificação instantânea promovida pelos vídeos curtos, aliada à pressão por engajamento e visibilidade, funciona como um estressor contínuo. Tais elementos se mostram especialmente danosos para jovens em desenvolvimento, cujas estruturas emocionais e cognitivas ainda se encontram em processo de consolidação.

Complementando essa perspectiva, Chiossi *et al.* (2023) demonstram que a alternância rápida de contextos em *feeds* de vídeos curtos compromete significativamente a memória prospectiva. Após breves exposições ao *feed* do TikTok, participantes apresentaram maior taxa de erro em tarefas que exigiam a lembrança de intenções futuras, ao passo que plataformas como Twitter e YouTube não produziram o mesmo efeito. A pesquisa sugere que o design multimodal e fragmentado dos vídeos curtos sobrecarrega os sistemas de atenção e memória, comprometendo a capacidade de planejar e executar ações futuras. Esses resultados reiteram a necessidade de pensar criticamente o desenho das plataformas e seus impactos nas funções cognitivas superiores, especialmente em ambientes de aprendizagem.

Carvalho e Ferreira (2024) abordam o TikTok como artefato cultural que participa ativamente da construção identitária dos adolescentes. A partir da noção de redes sociais digitais como estruturas simbólicas de mediação, os autores discutem a formação de identidades fluidas e fragmentadas, influenciadas por algoritmos, tendências e interações assíncronas. A ubiquidade das redes, ou seja, sua presença constante e transversal na vida cotidiana, transforma

os modos de ser, agir e perceber, colocando os jovens em contato permanente com múltiplos referenciais identitários.

Dessa forma, torna-se evidente que o uso intensivo de vídeos curtos impacta dimensões fundamentais do desenvolvimento juvenil, como atenção, memória, regulação emocional e identidade. Esses efeitos, por sua vez, colocam em xeque modelos educacionais tradicionais que ainda ignoram a imbricação entre tecnologia e cognição. Conforme Gotlieb *et al.* (2022) já advertiram, alfabetização e competências socioemocionais devem ser abordadas de maneira integrada, respeitando a complexidade dos sujeitos contemporâneos.

Apesar dos pontos negativos, existem vantagens que serão descritas a seguir e por isso é preciso que os currículos escolares incorporem estratégias pedagógicas que considerem as especificidades do ambiente digital, promovendo práticas de leitura e aprendizagem ajustadas à ubiquidade tecnológica e aos novos modos de subjetivação que emergem nesse contexto, voltados para uma educação contextualizada para preparar os indivíduos para habitar, com criticidade e consciência, as múltiplas paisagens da cultura digital, para, justamente, mitigar os efeitos desfavoráveis.

2.2. Os *BookToks* e o incentivo à leitura

Com o advento das redes sociais e a consolidação do consumo digital de conteúdo, novas formas de mediação da leitura emergiram, transformando as práticas leitoras e os suportes de recomendação literária. Entre essas novas dinâmicas, destaca-se o fenômeno do *BookTok*, uma comunidade dentro do TikTok dedicada à discussão e promoção de livros. Com vídeos curtos, linguagem acessível e forte apelo emocional, os criadores de conteúdo literário, chamados de *booktokers*, buscam disseminar o hábito de leitura de um público diverso, revitalizando títulos clássicos, impulsionando best-sellers e até mesmo moldando tendências no mercado editorial. Diante desse cenário, torna-se essencial compreender o possível impacto do *BookTok* para a formação de leitores em sala de aula, sua relação com o imediatismo característico das redes sociais e o modo como esse fenômeno dialoga com as transformações culturais da era digital.

Chegando a um bilhão de pessoas (TikTok, 2021), o TikTok se mantém presente na lista de aplicativos mais baixados em 2024 (CNN, 2024) e está entre as redes sociais favoritas do público adolescente e jovem (DATAREPORTAL, 2025). O TikTok, através do nicho *BookTok*,

tornou-se um catalisador do engajamento literário ao criar uma comunidade virtual que influencia diretamente o mercado editorial. A agilidade e a acessibilidade da plataforma permitem que os jovens descubram livros de maneira dinâmica, moldando preferências e impulsionando *best-sellers*. As editoras, por sua vez, passaram a ajustar suas estratégias para acompanhar essa nova demanda, o que levou a um crescimento do público na Bienal do Livro de 2022 (Folha de São Paulo, 2022).

Em 2024, a plataforma organizou uma ação de grande repercussão cultural ao distribuir gratuitamente 100 mil exemplares de livros na Avenida Paulista, em São Paulo. O acervo foi selecionado por influenciadores literários atuantes no *BookTok* e incluiu obras como *A Vegetariana*, de Han Kang (Todavia), *Ainda Estou Aqui*, de Marcelo Rubens Paiva (Alfaguara), *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector (Rocco), *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo (Pallas), *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior (Todavia), e *Tudo é Rio*, de Carla Madeira (Record). No site oficial da campanha, a plataforma destacou que “entre os títulos selecionados, está *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que viralizou após uma criadora americana elogiá-lo como um dos melhores que ela já leu” (TikTok, 2024).

Paralelamente, dados recentes da pesquisa conduzida pela Nielsen BookData, a pedido da Câmara Brasileira do Livro (2023), evidenciam que cerca de 16% da população adulta brasileira afirmou ter adquirido ao menos um livro nos últimos 12 meses, o que representa aproximadamente 25 milhões de consumidores. Entre esses leitores, 74% manifestaram intenção de realizar novas compras no curto prazo. Observa-se uma predominância feminina entre os compradores, majoritariamente pertencentes às classes B e C, com níveis educacionais acima do Ensino Médio, concentrados nas regiões Sudeste e Nordeste. O consumo literário aparece associado a interesses como crescimento pessoal e lazer, além de práticas culturais convergentes, como o uso frequente de redes sociais e plataformas de streaming.

Ainda segundo a pesquisa, 55% dos consumidores de livros optaram por compras online, enquanto 45% preferiram o ambiente físico, o que destaca a importância da experiência tátil e da orientação de vendedores. Entre os que adquiriram livros impressos de forma online, apenas 4,6% declararam ter sido influenciados por criadores de conteúdo no TikTok. Em compras presenciais, essa taxa caiu para 2,4%. No caso dos E-books, a influência da plataforma foi ligeiramente superior, atingindo 6,8% dos entrevistados. Embora os números sejam discretos, eles revelam uma presença crescente da influência digital sobre práticas de leitura e consumo editorial.

Apesar de a porcentagem de compradores que declararam ter sido impactados por perfis de redes sociais, especialmente do TikTok, ainda ser modesta, sua existência sinaliza uma reconfiguração em curso nos modos de descoberta e acesso à literatura. Importa destacar que o recorte da pesquisa contempla apenas indivíduos acima de 18 anos, não abarcando o público infantojuvenil, principal foco deste estudo. Entretanto, a tendência observada já aponta para transformações relevantes no comportamento dos leitores e na atuação do mercado editorial, o que reforça a pertinência de se investigar, de forma aprofundada, os potenciais pedagógicos dos perfis de *BookTok* na formação de jovens leitores.

2.3. Formação didática para o uso de mídias

Após a análise dos impactos cognitivos e comportamentais provocados pelo uso intensivo do TikTok e o contato com seus vídeos curtos, bem como das transformações no mercado editorial provocadas pelo fenômeno dos perfis literários nas redes, torna-se pertinente deslocar o foco da crítica à incorporação pedagógica. A presença das mídias digitais no cotidiano juvenil impõe à escola o desafio de repensar práticas de ensino que dialoguem com as formas contemporâneas de atenção, consumo e subjetivação. Nesse contexto, não se trata de combater o uso das redes, mas de compreendê-las como artefatos culturais potentes, cujos mecanismos devem ser desvelados criticamente no espaço escolar.

O *BookTok*, ao integrar linguagens verbais e não verbais, mobiliza processos de leitura e produção de sentidos que se dão de maneira ampliada, explorando múltiplos recursos expressivos. Assim, entende-se que “o processo de produção de sentidos se atualiza a partir da congregação das dimensões visual, sonora, gestual entre outras para além da escrita, que são constantemente criadas e recriadas nas interações” (Silva; Ferreira, 2024, p.72). Assim, a experiência leitora contemporânea se configura como uma prática essencialmente multimodal, exigindo competências interpretativas que dialogam com diferentes códigos e formatos.

A formação didática do professor, portanto, deve incluir estratégias que integrem essas linguagens ao processo formativo, posicionando a leitura como prática contra-hegemônica de resistência à fragmentação, pois exige pausa, concentração e construção de sentido. Assim, o papel do educador se redefine como mediador de experiências de leitura que contraponham o ritmo acelerado da cultura digital e favorecem o desenvolvimento de uma atenção sustentada e reflexiva.

Muitos anos atrás, o especialista em semiótica Umberto Eco escreveu que, se quisermos usar a televisão para ensinar alguém, primeiro precisamos ensiná-lo a usar a televisão. Isso implica que a educação sobre mídia é um pré-requisito indispensável para a educação com ou através da mídia (Buckingham, 2008, p. 4).

A afirmação de Eco, retomada por Buckingham, evidencia a urgência de uma formação que preceda o uso pedagógico das mídias, ou seja, que forme sujeitos capazes de compreendê-las criticamente. Nesse sentido, o conceito de letramento digital ganha centralidade, pois pressupõe não apenas o domínio técnico das tecnologias, mas sobretudo a capacidade de interpretar, produzir e interagir com os novos textos que emergem no ambiente digital. A escola, portanto, seria uma “agência de democratização dos letramentos” (Rojo; Moura, 2019, p. 17). Tais textos, como apontam Rojo e Moura, são multissemióticos, combinação de múltiplas linguagens em uma única produção discursiva:

mudanças das mídias, permitindo assim que todas as linguagens (imagens estáticas, em movimento, sons e música, vídeos de performances e danças, texto escrito e oral) se misturem em um mesmo artefato que continuamos a chamar de texto agora adjetivado como multissemiótico ou multimodal (Rojo; Moura, 2019, p. 11).

Devido à diversidade de impactos provocados pelas chamadas novas mídias digitais, os textos passaram por inúmeras transformações. Nesse contexto, o Grupo de Nova Londres (New London Group – GNL), em 1996, cunhou o termo *multimodalidade* para descrever essa mudança. Conseqüentemente, a educação também deveria se atualizar para promover o multiletramento como sendo um “letramento em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita, etc.)” (Rojo; Moura 2019, p. 20).

As novas tecnologias, aplicativos, ferramentas e dispositivos viabilizaram e intensificaram novas possibilidades de textos/discursos – hipertexto, multimídia e, depois hipermídia, – que, por seu turno, ampliaram a multissemiose ou multimodalidade dos próprios textos/discursos, passando a requisitar novos (multi)letramentos (Rojo; Moura, 2019, p. 26).

A presença cada vez mais intensa de múltiplas linguagens nos textos digitais, como imagem, som, vídeo e palavra, exige da escola uma resposta formativa condizente com essa complexidade. Rojo e Moura (2019) apontam que o avanço das tecnologias promoveu a multissemiose textual, demandando novos letramentos que considerem a multimodalidade. Essa perspectiva é acolhida na BNCC, que propõe integrar essas práticas ao ensino de linguagem:

Considerando que uma semiótica é um sistema de signos em sua organização própria, é importante que os jovens, ao explorarem as possibilidades expressivas das diversas linguagens, possam realizar reflexões que envolvam o exercício de análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semióticas – visuais (imagens estáticas e em movimento), sonoras (música, ruídos, sonoridades), verbais (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita) e corporais (gestuais, cênicas, dança). Afinal, muito por efeito das novas tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC), os textos e discursos atuais organizam-se de maneira híbrida e multissemiótica, incorporando diferentes sistemas de signos em sua constituição (Brasil, 2017, p. 486).

A BNCC reconhece a centralidade da cultura do impresso na formação escolar, mas propõe sua articulação com a cultura digital e com os multiletramentos, compreendidos como práticas sociais de linguagem atravessadas por diferentes mídias e tecnologias. Essa integração, contudo, não deve apagar o compromisso da escola com os letramentos locais, vinculados às identidades culturais dos estudantes. Assim, ao mesmo tempo em que se amplia o repertório comunicativo por meio de linguagens contemporâneas, garante-se o direito à valorização das práticas culturais de origem e o acesso aos letramentos legitimados socialmente (Brasil, 2017).

A presença das mídias digitais no cotidiano escolar não implica apenas a incorporação de novos gêneros discursivos, como *posts*, *memes*, *vlogs* ou *playlists* comentadas, mas também a emergência de práticas comunicativas específicas dessas plataformas, como curtir, comentar, compartilhar ou remixar conteúdos. Trata-se de um cenário em que a convergência midiática não apenas promove a coexistência de formatos, mas altera profundamente seus usos, implicando a ampliação das competências comunicativas dos sujeitos. Essa transformação demanda da escola o reconhecimento das novas formas de produção de sentido, cuja ampliação dos modos de leitura, escrita e participação social deve ser trabalhada no espaço educacional. “Não se trata de substituição ou de simples convivência de mídias, mas de levar em conta como a coexistência e a convergência das mídias transformam as próprias mídias e seus usos e potencializam novas possibilidades de construção de sentidos” (Brasil, 2017, p. 487).

Um exemplo prático de como essa formação crítica pode ser desenvolvida em sala de aula envolve a análise e a produção de conteúdos inspirados nos perfis de *BookTok*. Ao propiciar que estudantes explorem vídeos curtos sobre literatura, analisando não apenas o conteúdo dos livros apresentados, mas também os discursos, recursos multimodais e estratégias persuasivas utilizadas, o professor promove um exercício de letramento crítico e multimodal. A proposta pode incluir atividades em que os alunos escolham obras literárias, criem roteiros, produzam vídeos e discutam os efeitos de linguagem e recepção do público.

Além de favorecer o engajamento com a leitura, essa prática estimula o protagonismo, a autoria e a consciência ética no uso das redes sociais, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de circular com responsabilidade e criatividade nos diversos contextos comunicacionais contemporâneos. A partir disso, dentre as competências específicas da área de linguagens, destaca-se:

1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2017, p. 490).

Baseado nessas competências, a formação de leitores críticos e sensíveis requer um trabalho pedagógico intencional, conduzido por um mediador atento às múltiplas dimensões do ato de ler. Tal mediação não se resume à oferta de textos, mas demanda intervenções planejadas, explícitas e permanentes, que orientem o estudante na construção de sentidos, na apropriação de estratégias de leitura e na articulação entre texto e contexto. Esse processo deve ocorrer de forma consciente e sistemática em todas as etapas da leitura, assegurando, assim, a autonomia interpretativa e a ampliação da consciência crítica do leitor:

Para formar um leitor crítico e sensível, capaz de compreender e interpretar aquilo que lê, de construir significados e transformá-los em palavras, exige-se do mediador de leitura uma intervenção adequada, contínua e explícita, que precisa ocorrer de forma consciente e sistemática antes, durante e depois das atividades de leitura (Luft, 2012, p. 163).

Assim, a formação de leitores críticos e sensíveis não se dá de modo espontâneo, mas resulta de um trabalho pedagógico intencional que valoriza a mediação como prática constante. Cabe ao educador assumir o papel de guia na construção de sentidos, promovendo um contato significativo com os textos, orientando estratégias de leitura e favorecendo a articulação entre obra e contexto.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, centrada em uma análise teórica e documental. Com base em revisão bibliográfica, foi proposta uma análise crítica de vídeos de perfis literários no TikTok. Em seguida, considerando essas análises, assim como diretrizes da BNCC e estudos sobre multimodalidade e multiletramentos, a pesquisa propõe uma oficina voltada ao uso crítico e criativo dessas mídias em sala de aula. Assim, não se realizou coleta de dados empíricos com sujeitos, mas uma articulação entre teoria e prática com vistas a subsidiar o trabalho docente frente às transformações da cultura digital e suas implicações educacionais.

Para a análise dos vídeos, fez-se a seleção a partir do critério de exemplares de ampla circulação e protagonizados por um mediador literário reconhecido que busca proporcionar uma leitura crítica e fundamentada das formas contemporâneas de mediação da leitura em ambientes digitais.

A análise parte da compreensão de que esses vídeos operam como gêneros discursivos digitais específicos, que mobilizam uma série de recursos multimodais (verbais, visuais e sonoros), articulando narrativas envolventes com estratégias persuasivas voltadas ao engajamento do público. Para tanto, são observados quatro aspectos centrais: 1) os recursos linguísticos e multimodais utilizados na recomendação das obras; 2) as estratégias de engajamento e persuasão; 3) a representação da leitura no discurso do *influencer*; e 4) os gêneros discursivos predominantes nos vídeos.

A proposta pedagógica, portanto, é a confecção de uma Oficina de *Booktok* e parte dessas análises dos vídeos e se apoia na proposta de estratégias de leitura de Solé (1998): antes, durante e depois da leitura. Inspirada na relevância cultural e comunicativa dos perfis literários do TikTok, a proposta se baseia na articulação entre multiletramentos, letramento digital e mediação literária. Ela é destinada aos docentes que trabalham com estudantes do 1º ano do Ensino Médio, sendo estruturada em três etapas interdependentes, inspiradas na proposta de Solé (1998).

Antes de apresentar a organização da Oficina de *Booktok*, seguimos para a análise dos vídeos.

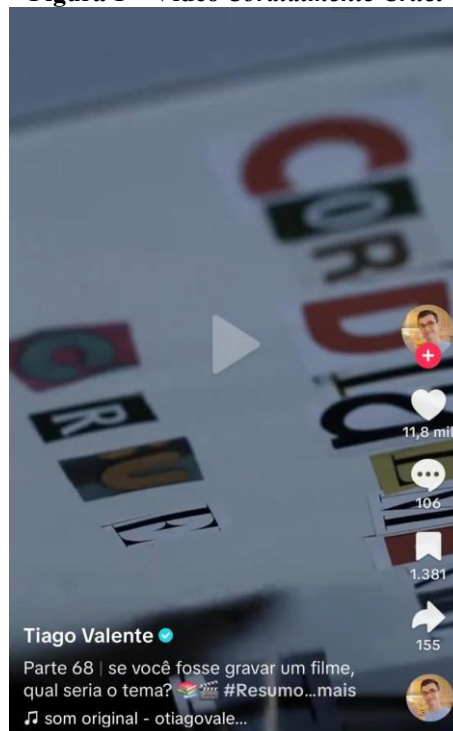
3.1. Análise dos Vídeos

Considerando a crescente presença dos adolescentes nas redes sociais e seu impacto nas práticas culturais e de leitura, a presente seção tem como objetivo analisar dois vídeos publicados pelo criador de conteúdo Tiago Valente (perfil @otiagovalente), conhecido por seu perfil no TikTok voltado à recomendação de livros. O conteúdo foi selecionado a partir do que é exposto pelo criador, em um deles há a presença de elementos teatrais e no outro há a contextualização e curiosidades sobre o livro, além disso, outro critério foi a classificação indicativa, tendo em vista que o objetivo pedagógico é construído levando em consideração os estudantes do Ensino Médio. Como já explicamos, identificamos, a partir do olhar inicial aos vídeos, algumas categorias que nos serviram à análise e que detalhamos a seguir:

- **Recursos linguísticos e multimodais** – análise das imagens, sons, textos, legendas e efeitos visuais empregados para recomendar livros;
- **Estratégias persuasivas** – observação de elementos retóricos e estilísticos utilizados para promover engajamento e estimular a leitura;
- **Representação da leitura** – interpretação do discurso do *booktoker* quanto à leitura, verificando se é apresentada como hábito de entretenimento, prática cultural ou exercício intelectual;
- **Gêneros discursivos digitais** – identificação dos formatos presente nos vídeos, como resenha, *unboxing*, *storytelling*, listas de recomendações ou *challenges*.

Passemos, então, à análise do primeiro vídeo.

Figura 1 – Vídeo *Cordialmente Cruel*



Fonte: Tiago Valente, 2021. Disponível em:

https://www.tiktok.com/@otiagovalente/video/6958204470983544070?_r=1&t=ZM-8weZ4AOvqwn

O vídeo 1 analisado apresenta a obra *Cordialmente Cruel*, de Maureen Johnson, que condensa sua narrativa em apenas 30 segundos. A estrutura do conteúdo revela uma forte presença de recursos multimodais: há narração em áudio com dicção clara e ritmo acelerado, acompanhada de elementos visuais que dialogam com a narrativa, como trocas rápidas de figurino, gestos expressivos, uso de cartazes improvisados com o título do livro e a presença simbólica de obras de Agatha Christie para reforçar a atmosfera de mistério. A combinação entre oralidade, gestualidade, imagem e texto compõe um artefato multimodal de circulação típica nas plataformas digitais, especialmente no TikTok. Do ponto de vista linguístico, o criador de conteúdo adota um registro coloquial, acessível ao público jovem, e recorre a estratégias narrativas que simulam um trailer literário.

A sinopse é apresentada com entusiasmo e tensão crescente, o que contribui para a criação de expectativa e curiosidade no espectador. O uso do tempo verbal no presente e a estruturação em frases curtas intensificam o ritmo do vídeo, provocando maior engajamento.

No campo da persuasão, observa-se a construção de um clima de suspense que instiga o público a descobrir o desfecho da trama. O efeito *cliffhanger*¹ é empregado ao mencionar a morte de um personagem e o possível retorno de *Cordialmente Cruel*, incentivando o consumo da obra.

O discurso do *booktoker* representa a leitura como uma experiência de entretenimento e imersão narrativa, aproximando-se da lógica transmidiática ao associar o livro a uma produção audiovisual.

Em relação aos gêneros discursivos digitais, o vídeo configura-se como uma forma híbrida entre resenha performática e *storytelling* ficcional, com traços de encenação e teatralidade. Trata-se de uma adaptação dinâmica da sinopse literária ao formato breve e visualmente atrativo exigido pela plataforma, revelando uma estratégia eficaz de recomendação literária que dialoga com os modos de consumo cultural das novas gerações.

Seguindo as mesmas categorias, analisemos o segundo vídeo:

¹ *desfecho dramático, suspense.*

Figura 2 – Vídeo *O Diário de Anne Frank*



Fonte: Tiago Valente, 2025. Disponível em:

<https://www.tiktok.com/@otiagovalente/video/7468045481130740998>

No vídeo 2, o influenciador apresenta uma curiosidade sobre o processo editorial de *O Diário de Anne Frank*, por Anne Frank, enfatizando as dificuldades iniciais de publicação e destacando o papel decisivo de Judith Jones para que a obra chegasse ao público. Desde o início, o criador utiliza uma estratégia de abertura atrativa, com uma pergunta retórica: “Vocês sabem que o diário de Anne Frank foi rejeitado por 15 editoras?”, o que estabelece uma conexão imediata com o espectador, desperta a curiosidade e instiga a continuidade da visualização.

Em termos multimodais, o vídeo integra diversas linguagens: imagens históricas relacionadas ao holocausto, retratos de Alfred A. Knopf e Judith Jones, vídeos temáticos sobre a Segunda Guerra Mundial e o livro mencionado, além da presença física do *booktoker* interagindo com esses elementos em tela. O uso do *laptop* para citar diretamente a crítica negativa de Knopf confere autenticidade à narrativa e estimula a mediação crítica, enquanto a presença do exemplar físico do diário reforça o valor simbólico da obra. A edição ágil, com cortes precisos e inserções visuais, contribui para manter o ritmo envolvente, característica

essencial do formato TikTok. Quanto aos recursos linguísticos, o autor adota um tom coloquial, mas reflexivo. A articulação de frases simples e pausas estratégicas transmite emoção e reforça a ideia de proximidade com o público. O discurso é permeado por expressões de julgamento subjetivo, “eu achei muito doido” ou ainda “é justamente isso que eu quero ler”, que humanizam o relato e aproximam o espectador da vivência do narrador, estimulando a identificação com a mensagem.

Do ponto de vista persuasivo, o vídeo atua em duas frentes: valoriza o livro como documento histórico e emocional, ao mesmo tempo em que encoraja aspirantes escritores a persistirem diante de recusas editoriais. A leitura é apresentada como um gesto de resistência, memória e empatia, deslocando-se da mera fruição estética para um posicionamento ético e existencial.

Em relação aos gêneros discursivos digitais, o vídeo se aproxima de um formato híbrido entre o *storytelling* histórico-literário e o mini-documentário comentado, incorporando elementos de oralidade espontânea e recursos audiovisuais informativos. Não se trata de uma simples resenha, mas de uma narrativa argumentativa que mobiliza dados factuais para construir um discurso de valorização da leitura enquanto prática cultural e crítica.

Considerando a crescente presença dos adolescentes nas redes sociais e seu impacto nas práticas culturais e de leitura, as duas análises mostraram que os vídeos operam como gêneros discursivos digitais específicos, que mobilizam uma série de recursos multimodais (verbais, visuais e sonoros) ao articular narrativas envolventes com estratégias persuasivas voltadas ao engajamento do público.

Assim, a análise revelou que, no primeiro vídeo, o criador recorre a um tom narrativo pessoal e à construção de um clima intimista, associando a experiência de leitura a momentos de introspecção e conexão emocional. O uso de imagens de livros em *close*, legendas sincronizadas e música de fundo suave reforça a ideia da leitura como prática prazerosa e sensível. Já no segundo vídeo, a abordagem é mais dinâmica, ao incorporar cortes rápidos, alternância de ângulos e expressões faciais enfáticas, conferindo ritmo acelerado e maior potencial de viralização. Nesse caso, a leitura é apresentada como experiência entusiasmante, digna de ser compartilhada e comentada coletivamente. Em ambos os casos, percebe-se o uso consciente de elementos multimodais para criar um discurso persuasivo e engajador.

4. PROPOSTA PEDAGÓGICA: OFICINA DE *BOOKTOK*

4.1. Base da proposta pedagógica

A estrutura da oficina segue o que Isabel Solé (1998) apresenta em *Estratégias de Leitura*, organizando-se em três momentos distintos: antes, durante e depois da leitura de um livro escolhido pelos próprios alunos, com o intuito de promover a leitura por prazer. Tal perspectiva reconhece que essa prática “é a experiência emocional desencadeada pela leitura. É fundamental que o leitor possa ir elaborando critérios próprios para selecionar os textos que lê, assim como para avaliá-los e criticá-los” (Solé, 1998, p. 97), de modo que a autonomia na escolha e a liberdade de apreciação se constituem como elementos centrais na formação de leitores críticos e engajados.

O planejamento didático considera que “é preciso levar em conta que o propósito de ensinar as crianças a ler com diferentes objetivos é que, com o tempo, elas mesmas sejam capazes de se colocar objetivos de leitura que lhes interessem e que sejam adequados” (Solé, 1998, p. 100), o que implica fomentar, desde cedo, a capacidade de definir metas pessoais para a prática leitora. Essa abordagem não apenas amplia a relação afetiva do estudante com a leitura, mas também favorece o desenvolvimento de estratégias de compreensão e avaliação que dialogam com seus interesses, repertórios e experiências prévias.

Além disso, nossa concepção se apoia em outras questões apresentadas nesta monografia. Conforme nossa fundamentação teórica, a cultura digital contemporânea tem reconfigurado, de forma profunda, as práticas sociais, cognitivas e comunicativas, instaurando novas formas de interação e circulação de informações. A internet e os dispositivos móveis têm permitido que indivíduos estejam permanentemente conectados, em um cenário que Lúcia Santaella (2013) denomina *ubiquidade informacional*. Esse conceito refere-se à possibilidade de acessar, produzir e compartilhar conteúdos em múltiplos formatos e plataformas, a qualquer tempo e lugar.

Nesse cenário, a leitura, antes vinculada majoritariamente a suportes impressos e a contextos formais de ensino, passa a configurar-se em dinâmicas próprias das redes sociais online, nas quais imagens, vídeos, sons, textos e interações síncronas e assíncronas se entrelaçam, criando possibilidades para a fruição e a mediação de obras literárias. Portanto, compreende-se que “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se

satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que guiam sua leitura” (Solé, 1998, p. 22, itálico do autor). Essa perspectiva implica reconhecer que o ato de ler, no ambiente digital, exige tanto a habilidade de decodificação quanto a mobilização de objetivos, ideias e experiências prévias. Além disso, como apontado por Solé (1998, p. 23): “para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua”. Tal processo, nas plataformas digitais, é intensificado pela multiplicidade de linguagens e pela fluidez dos suportes.

Entre as manifestações dessa ecologia comunicacional, destacam-se fenômenos como o *BookTube* e o *BookTok*, comunidades virtuais dedicadas à produção de conteúdo sobre literatura. No caso específico do *BookTok*, segmento do TikTok voltado a recomendações e discussões sobre livros, configura-se um espaço no qual a leitura é apresentada de forma multimodal e persuasiva, buscando despertar o interesse do público, sobretudo jovem, para o consumo literário. Nessas práticas, incorporam-se linguagens próprias da cultura digital, efeitos visuais, trilhas sonoras, cortes rápidos e legendas dinâmicas, que, ao se combinarem, constroem discursos plurais sobre o ato de ler na contemporaneidade, ora concebendo-o como entretenimento, ora como formação intelectual ou experiência sensorial. Em relação à tal dinâmica, Solé (2012, p. 32) defende que “a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas”. No contexto das redes sociais digitais, a competência leitora não apenas se mantém como requisito essencial, mas também se reinventa e, como consequência, dialoga com estéticas e modos de circulação próprios da cultura hipermediática.

Com base nessas concepções, a organização da oficina faz uso dos vídeos que propomos e elaborada a partir de estratégias compostas por etapas e que “contempla três questões: objetivos da atividade leitora, ações a serem desenvolvidas e uma avaliação do percurso de leitura” (Solé, 2012, p. 47). Considerando esse panorama, a oficina surge como resposta à necessidade de integrar, de forma crítica, as práticas culturais digitais ao ambiente escolar, valorizando não apenas a dimensão técnica da leitura, mas também seus aspectos interpretativos, reflexivos e sociais.

Essa perspectiva alinha-se ao entendimento de que

os letramentos múltiplos relacionam-se às mais variadas formas de utilização da leitura e da escrita, tanto da cultura escolar e da dominante, como também das diferentes culturas locais e populares com as quais alunos e professores estão envolvidos, assim como os produtos da cultura de massa” (Solé, 2012, p. 63).

Nesse viés, é preciso reconhecer e legitimar a pluralidade de linguagens e repertórios que circulam no cotidiano discente, incorporando-os de maneira construtiva ao processo de ensino-aprendizagem.

Tomando como partida as estratégias de leitura apresentadas por Solé (1998), ao articular momentos de preparação, vivência e reflexão, nossa oficina busca criar um percurso de leitura que una prazer estético e consciência crítica, fortalecendo o protagonismo do aluno na construção de seu próprio itinerário leitor e incentivando-o a transitar, com autonomia, entre diferentes gêneros, suportes e contextos de leitura. A seguir, apresentamos como foram concebidas as três etapas da oficina, com base em Solé (1998).

Inicia-se a oficina com uma sensibilização dos alunos acerca do universo do *BookTok*, ao contextualizá-lo como um fenômeno cultural que combina linguagem audiovisual, narrativas curtas e estratégias de engajamento características das redes sociais. Nesse primeiro momento, busca-se apresentar não apenas a popularidade da plataforma, mas também seus impactos na mediação da leitura literária, evidenciando como o formato favorece a circulação de recomendações, impressões e críticas em linguagem acessível e atrativa para o público jovem.

Para tornar essa aproximação mais concreta, são exibidos exemplos de vídeos representativos do *BookTok*. A sugestão são vídeos que apresentem estrutura semelhante ao que foi analisado anteriormente, seguidos de uma análise coletiva de seus elementos estruturais. Entre os aspectos observados, destacam-se o apelo visual, a seleção de trechos marcantes da obra e o tom de voz adotado pelo criador do conteúdo, recursos que contribuem para despertar a curiosidade e estabelecer vínculos afetivos entre o espectador e o livro apresentado. Tal etapa fundamenta-se no entendimento de que, “Se ler é um processo de interação entre um leitor e um texto, antes da leitura (antes de saberem ler e antes de começarem a fazê-lo quando já sabem) podemos ensinar estratégias aos alunos para que essa interação seja o mais produtiva possível” (Solé, 1998, p. 114), evidenciando que a preparação prévia é determinante para potencializar o engajamento e a compreensão.

Assim, essa sensibilização não se restringe à exposição passiva de conteúdos, mas configura-se como um momento de construção de repertório, no qual os estudantes são convidados a observar criticamente como diferentes escolhas discursivas influenciam a recepção da mensagem. Esse exercício inicial serve de base para o desenvolvimento das etapas seguintes, nas quais a produção autoral e a reflexão crítica se entrelaçam como dimensões indissociáveis do processo formativo.

Um dos propósitos centrais da oficina é:

suscitar a necessidade de ler, ajudando-o a descobrir as diversas utilidades da leitura em situações que promovam sua aprendizagem significativa. Proporcionar-lhe os recursos necessários para que possa enfrentar com segurança, confiança e interesse a atividade de leitura (Solé, 1998, p. 114).

Tal objetivo implica ir além da simples prescrição de obras ou atividades; busca criar um contexto em que o estudante perceba a leitura como prática viva, útil e relevante para diferentes dimensões de sua vida acadêmica, social e pessoal. Para que isso ocorra, é fundamental trazer uma postura ao aluno de leitor ativo, “isto é, em alguém que sabe por que lê e que assume sua responsabilidade ante a leitura (depois veremos que também durante e depois dela), aportando seus conhecimentos e experiências, suas expectativas e questionamentos” (Solé, 1998, p. 114). Essa concepção desloca o foco da leitura como tarefa escolar obrigatória para a leitura como experiência de autoria interpretativa, na qual o sujeito se envolve conscientemente com o texto e participa da construção de sentidos a partir de seu repertório e de suas inquietações.

Ao adotar essa abordagem, a proposta pedagógica reforça o protagonismo do aluno no processo de aprendizagem, incentivando-o a estabelecer relações entre os textos lidos e o seu universo de referências, assim como a mobilizar estratégias que lhe permitam transitar entre diferentes gêneros, suportes e linguagens. Esse posicionamento ativo fortalece não apenas a competência leitora, mas também a autonomia intelectual, elementos essenciais para a formação de sujeitos críticos e criativos no contexto contemporâneo.

4.2. Etapas da Oficina de *Booktok*: explorando os *BookToks* em sala de aula

Inspirada na relevância cultural e comunicativa dos perfis literários do TikTok, especialmente os conhecidos como *booktokers*, que têm influenciado hábitos de leitura entre jovens, a proposta pedagógica da Oficina de *Booktok*, que intitulamos *BookTok na Escola: Sua Resenha Criativa!* propõe uma articulação entre multiletramentos, letramento digital e mediação literária. Como dissemos na metodologia, a proposta pedagógica da oficina é destinada aos professores que trabalham com os estudantes do 1º ano do Ensino Médio e está estruturada em três etapas interdependentes:

- **Antes da leitura** - análise dos vídeos da plataforma, seleção de um livro de interesse pessoal;
- **Durante a leitura** - realização de uma leitura ativa e reflexiva, registrada em fichas de acompanhamento que servirão de base para a elaboração do roteiro, produção da vídeo-resenha, com apoio docente, de roteiros criativos inspirados nos conteúdos do *BookTok*, mobilizando recursos multimodais como imagem, som, texto e efeitos visuais;
- **Depois da leitura** – compartilhamento das vídeo-resenhas entre os colegas, fomentando um espaço colaborativo de apreciação e crítica construtiva e autoavaliação.

O objetivo central é promover o protagonismo estudantil na mediação de leituras literárias, explorando a linguagem dos gêneros digitais como meio para desenvolver habilidades de leitura crítica, expressão criativa, planejamento discursivo e consciência estética.

Essa proposta requer que o estudante atue como sujeito ativo na gestão de seu percurso leitor. Ao integrar tais princípios ao uso de plataformas familiares aos adolescentes, como o TikTok, busca-se que essa familiaridade tecnológica seja canalizada de forma pedagógica e crítica, evitando práticas meramente reprodutivas e estimulando a apropriação criativa dos recursos digitais. Mais do que aproximar o texto literário do cotidiano digital dos jovens, ela busca ressignificar a experiência de leitura ao ampliar sua dimensão crítica e estética.

Logo, a utilização do TikTok e de outros ambientes digitais não deve se dar de forma acrítica, mas que integra o letramento digital e de formação ética, conforme defendem Buckingham (2008), bem como Rojo e Moura (2019), para quem a inserção de tecnologias na educação deve estar associada ao desenvolvimento da reflexão e à compreensão dos mecanismos que moldam as interações digitais. Tal concepção encontra ressonância nas orientações da BNCC, que valoriza práticas de linguagem multimodais e incentiva o desenvolvimento da autonomia, da autoria e do pensamento crítico. Como enuncia o documento,

a proposta defendida pela BNCC implica em uma formação articulada às demandas sociais, na medida em que se busca uma formação pautada no desenvolvimento de habilidades relacionadas à qualidade da convivência social, à análise crítica dos conteúdos curriculares, à mobilização de estratégias para aprender, à participação, com responsabilidade, das interações mediadas pelas tecnologias, à atuação ativa e respeitosa na sociedade (Silva; Ferreira, 2024, p. 67).

Nesse cenário, espera-se do docente um papel de mediador, orientando os estudantes na construção de sentidos, no uso responsável das mídias e na valorização da leitura como ato de escuta, reflexão e transformação.

Nas atividades docentes, a busca de conhecimentos relacionados aos multiletramentos pode contribuir para que as atividades didáticas possam ter objetivos mais exequíveis e procedimentos mais adequados às necessidades dos alunos, uma discussão acerca dos usos da linguagem e de seus modos de organização nas interações, assim como uma melhor gestão do tempo escolar e dos resultados que impulsionem uma atuação social, de maneira crítica e transformadora (Silva; Ferreira, 2024, p. 65).

Nessa perspectiva, compreende-se que “é, por meio da leitura e da produção de textos, que o professor possibilita ao aluno oportunidades para assumir uma crítica em função de um sujeito do discurso, seja enquanto falante ou escritor, seja enquanto ouvinte ou leitor” (Silva; Ferreira, 2024, p. 71). Isso significa que a prática proposta ultrapassa a simples reprodução de modelos e busca formar sujeitos capazes de dialogar criticamente com as narrativas e representações que circulam no ambiente digital.

Ao promover a análise e a criação de conteúdos no formato de *BookTok*, não apenas se alinha às práticas culturais digitais dos estudantes, mas também os capacita para compreender, reinterpretar e produzir discursos que circulam nas redes sociais, posicionando-os como agentes críticos e criativos em um cenário comunicacional marcado pela convergência de mídias e pela constante renovação das linguagens. A seguir, expomos então nossa proposta pedagógica da Oficina de *Booktok* para trabalhar com os *Booktoks* no contexto da sala de aula.

4.2.1. Antes da leitura: ativação de conhecimentos prévios e contextualização

O objetivo dessa etapa é introduzir os alunos ao universo dos *booktokers* e criar um repertório comum sobre o fenômeno da recomendação literária em vídeos curtos. Para isso, realiza-se inicialmente uma conversa orientada pelas seguintes questões:

- O que são *booktokers* ou *booktubers*?
- Já assistiram a vídeos curtos que recomendam livros?
- Costumam seguir perfis que falam sobre literatura?
- Já leram algum livro motivados por esse tipo de conteúdo?
- Quais características mais chamam atenção nesses vídeos?

Esse momento inicial aproxima o conteúdo da realidade dos estudantes e instiga a curiosidade sobre as estratégias utilizadas pelos criadores de conteúdo para divulgar obras.

Durante a exibição dos vídeos, recomenda-se que os alunos observem atentamente os aspectos verbais e visuais, utilizando uma ficha de observação contendo:

- Nome do perfil e título do vídeo (se houver);
- Número de seguidores, curtidas e tipo de interação nos comentários;
- Obra indicada e respectivo autor;
- Principais elementos visuais e sonoros (legendas, trilha sonora, efeitos, figurino, objetos cênicos);
- Gênero discursivo predominante (resenha, *storytelling*, lista etc.);
- Proposta de leitura (entretenimento, reflexão, crítica, denúncia etc.).

A análise coletiva pode ser guiada por cinco eixos que já citamos na análise dos vídeos anteriormente:

1. **Recursos linguísticos e multimodais** – como narração, trilha sonora, edição, imagens sobrepostas, legendas e transições contribuem para tornar a indicação atrativa;
2. **Estratégias persuasivas** – uso de chamadas iniciais, linguagem expressiva, conexão emocional, *cliffhangers* e revelações;
3. **Representações da leitura** – se apresentada como lazer, autoconhecimento, crítica social, experiência sensorial ou intelectual;
4. **Gêneros discursivos digitais** – formatos predominantes e suas finalidades;
5. **Criatividade e impacto** – originalidade, engajamento do público e adequação do estilo à obra indicada.

Essa etapa reforça que a formação leitora na era digital exige competências ampliadas: não apenas de compreensão textual, mas também de leitura crítica de linguagens múltiplas e de participação ativa nos espaços de produção de conteúdo.

4.2.2. Durante a leitura: produção autoral e reflexão crítica

A etapa seguinte consiste na escolha individual de um livro pelos estudantes, respeitando suas preferências e repertório de leitura, de modo a favorecer a autonomia e o engajamento. Nessa perspectiva, reconhece-se que “as situações de leitura independente devem ser incentivadas na escola” (Solé, 1998, p. 121), pois é por meio delas que o aluno constrói um vínculo mais genuíno com a prática leitora e desenvolve critérios próprios para selecionar,

interpretar e avaliar textos. Ao permitir que o estudante seja protagonista dessa escolha, cria-se um ambiente mais propício para o envolvimento afetivo e intelectual com a obra.

A partir dessa seleção, os alunos realizam uma leitura crítica, registrando suas percepções em fichas de acompanhamento, disponíveis no apêndice, que orientam a observação de elementos como enredo, construção de personagens, recursos linguísticos e temáticas abordadas. Esse registro sistematizado atua como suporte para a organização das ideias e a estruturação do pensamento crítico, evitando que a produção final se restrinja a opiniões genéricas ou a comentários superficiais sobre o livro.

Com base nesse material, cada estudante elabora o roteiro, a partir de um modelo pré-estabelecido pelo docente tanto para explicar como esse gênero textual funciona, quanto para ilustrar ao aluno como o fazer, de seu vídeo-resenha, tendo como referência não apenas suas anotações, mas também os conhecimentos adquiridos durante a análise dos exemplos de vídeos apresentados na etapa inicial do projeto. Em seguida, realiza-se uma discussão coletiva comparativa, na qual se evidenciam as escolhas discursivas e as técnicas que caracterizam as produções no *BookTok*. Esse momento de troca amplia a compreensão de que tais produções são resultados de decisões intencionais relacionadas ao uso de recursos multimodais, ao foco narrativo, ao tom de voz e à seleção de trechos e não de improvisações casuais, reforçando a consciência crítica e a autoria dos estudantes no processo.

As atividades incluem:

- **Discussão crítica coletiva** – sistematização, em quadro ou mapa mental, dos elementos identificados na análise;
- **Planejamento e roteiro** – definição da obra a ser recomendada, estrutura de apresentação e recursos multimodais a serem empregados.

4.2.3. Depois da leitura: produção e criação das resenhas criativas em vídeo

No processo de produção, os estudantes planejam o conteúdo das vídeo-resenhas seguindo as especificidades do formato *BookTok*, buscando conciliar concisão e expressividade. Nesse momento, discutem-se aspectos relacionados à escolha de imagens, trilhas sonoras e legendas, além dos cuidados necessários com os direitos autorais e com a clareza da comunicação. Essa prática dialoga diretamente com o entendimento de que “a compreensão de um texto envolve a capacidade de elaborar um resumo, que reproduz seu

significado global de forma sucinta” (Solé, 1998, p.115), uma vez que a criação nesse formato exige do estudante a habilidade de condensar informações e organizar ideias centrais de maneira atrativa, precisa e coerente.

Nessa perspectiva, a própria elaboração de resumos é compreendida como exercício cognitivo essencial, pois “está estreitamente ligada às estratégias necessárias para estabelecer o tema de um texto, para gerar ou identificar sua ideia principal e seus detalhes secundários” (Solé, 1998, p. 143). Ao produzir roteiros de vídeos que traduzem leituras em narrativas curtas e dinâmicas, o aluno é desafiado a distinguir o essencial do acessório, priorizando aquilo que sustenta o núcleo de sentido da obra e selecionando detalhes que reforçam sua argumentação.

Esse movimento se alinha ainda ao princípio de que “tanto o tema como a ideia principal e o resumo apelam a essa macroestrutura, indo do mais geral para o mais preciso” (Solé, 1998, p. 144). A prática de adaptação da leitura para o formato multimodal do *BookTok* constitui, portanto, um exercício de síntese intelectual, no qual a macroestrutura textual é reelaborada em linguagem audiovisual. Assim, o processo pedagógico não apenas amplia a competência leitora, mas também estimula a consciência discursiva e a capacidade de transposição criativa de um suporte escrito para outro, situado na cultura digital contemporânea.

Durante essa fase, o professor assume o papel de mediador, oferecendo orientações técnicas e estilísticas que auxiliam na organização das ideias e no equilíbrio entre criatividade e pertinência do conteúdo. A mediação docente é essencial para assegurar que a originalidade das produções não comprometa a coerência discursiva e que os recursos multimodais sejam explorados de forma intencional e estratégica, em consonância com os objetivos comunicativos definidos pelos próprios estudantes. Nesse sentido, o docente atua como guia e regulador do processo, garantindo que a liberdade criativa seja acompanhada por critérios de clareza, coesão e pertinência pedagógica.

A execução do projeto acontece por meio da gravação e edição dos vídeos, etapas que podem ser realizadas a partir dos próprios dispositivos móveis dos estudantes, o que estimula o uso criativo e crítico de ferramentas acessíveis. Esse aspecto é relevante por demonstrar que a cultura digital pode ser incorporada ao espaço escolar de maneira democrática, valorizando recursos já disponíveis no cotidiano juvenil e transformando-os em instrumentos de produção intelectual e estética. Após a finalização, promove-se um momento de socialização, no qual as produções são apresentadas à turma, criando um espaço dialógico de análise e apreciação coletiva.

Esse momento de partilha potencializa a aprendizagem, pois as diferentes interpretações das obras literárias são confrontadas e discutidas, o que evidencia como as escolhas de linguagem, recursos visuais e estratégias de síntese podem impactar a recepção do público. Além de fortalecer a oralidade e a capacidade argumentativa, a socialização das produções fomenta a valorização da diversidade de leituras, perspectivas e estilos comunicativos, consolidando a prática como um exercício coletivo de autoria e fruição estética.

Em síntese, o desenvolvimento do projeto não se limita à mera transposição da leitura para o formato audiovisual, mas configura-se como um percurso formativo no qual os estudantes exercitam competências de síntese, criatividade, criticidade e colaboração. Ao articular leitura, produção multimodal e reflexão coletiva, a prática didática integra cultura digital e educação literária, o que resulta na promoção da formação de sujeitos capazes de transitar criticamente entre diferentes linguagens e de atribuir novos sentidos às suas experiências de leitura.

4.2.4. Etapa final: exibição e avaliação coletiva

Por fim, o projeto é encerrado com uma etapa de reflexão coletiva, em que os alunos analisam o próprio percurso, avaliando tanto o aprendizado literário quanto as competências técnicas e críticas adquiridas. Tal momento visa consolidar a compreensão de que a leitura, quando articulada com práticas contemporâneas de comunicação, amplia-se para além do espaço escolar, transformando-se em experiência cultural e social que dialoga com a vida cotidiana e com os meios digitais. Assim, a oficina reafirma o papel da escola como mediadora entre as tradições da cultura letrada e as linguagens emergentes da cultura digital, potencializando a formação de leitores críticos, criativos e socialmente engajados.

Essa fase final não se restringe a verificar o produto (o vídeo), mas propõe um olhar sobre o percurso inteiro: as leituras, as escolhas dos recursos multimodais, os roteiros, as dificuldades técnicas, os êxitos e as aprendizagens críticas. A literatura aponta que estes momentos são essenciais para consolidar o desenvolvimento de competências como autonomia, autorregulação, capacidade de autoavaliação e metacognição (Marxreiter, 2021).

Primeiro, os alunos apresentam seus vídeos em sala de aula para todos os colegas e para o professor. A exibição assume um caráter público no contexto escolar, mas protegido, de modo que cada estudante sinta-se valorizado. Após cada apresentação, abre-se uma conversa

reflexiva, conduzida pelo professor, em que os estudantes comentam o que observaram: o que funcionou bem, o que poderia ter sido diferente, quais escolhas de roteiro, edição ou estética fizeram diferença na comunicação da obra literária. Esse momento de diálogo coletivo permite não só ver diferentes estratégias, mas reconhecer que produzir no ambiente digital implica decisões intencionais, estéticas, retóricas, técnicas, e não meramente espontâneas.

Em seguida, introduz-se a autoavaliação: cada estudante reflete individualmente sobre seu próprio vídeo e sobre seu processo de produção. Para isso, pode-se usar um instrumento escrito (questionário de autoavaliação) que contemple itens como clareza do discurso, qualidade estético-modal, coerência entre roteiro e produto final, originalidade, bem como a habilidade de tratar criticamente o objeto literário. A literatura sobre avaliação formativa mostra que quando os alunos avaliam seu próprio trabalho, identificam pontos fortes e fracos, ganham consciência de suas decisões, vulnerabilidades e avanços, o que contribui para a autonomia e para o aprimoramento contínuo (Villas Boas, 2011).

Uma parte importante desse instrumento pode ser solicitar que o estudante compare seu vídeo com um dos vídeos do *Booktok* que foram analisados no início do projeto, destacando similaridades e diferenças nas estratégias de persuasão, estilo visual, narrativa, uso de recursos e impacto no público. Isso fortalece a capacidade crítica de ver como práticas de referência se convergem ou divergem de suas próprias escolhas.

Também é útil promover uma avaliação entre pares: após a autoavaliação, cada aluno pode assistir ao vídeo de um colega, ou de um pequeno grupo, e oferecer uma devolutiva construtiva, sob critérios previamente compartilhados. Esse tipo de avaliação ampliada, aluno-professor-colegas, favorece uma visão mais rica e múltipla do que foi produzido, permitindo que os estudantes percebam aspectos que talvez não tenham considerado sozinhos.

Finalmente, o encerramento dessa etapa culmina numa reflexão coletiva mais ampla, quando todos compartilham como percebem sua evolução literária, técnica e crítica. O professor pode mediar uma discussão sobre como as produções dialogam com as competências previstas na BNCC: leitura crítica de diversas linguagens, produção multimodal, uso ético e consciente das mídias digitais. Esse momento não é apenas de conclusão, mas de ponte para outras práticas: o que os alunos poderiam fazer de diferente em futuros projetos, que novos gêneros poderiam explorar, que ferramentas poderiam dominar melhor, de modo que cada experiência se torne uma base de crescimento futuro.

Para além da exibição em sala, há a possibilidade de, a partir da autorização de imagem dos alunos assinada pelos responsáveis legais, publicar os vídeos em perfis oficiais da escola, assim a fruição do trabalho discente destina-se à plataforma a qual a oficina utilizou, estando de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Essa etapa final consolida as competências previstas na BNCC relativas à leitura crítica de diferentes linguagens, à produção de textos multimodais e ao uso ético das mídias digitais, formando leitores críticos e produtores conscientes, capazes de compreender e atuar de forma criativa no ecossistema da cultura digital.

4.3. Estratégias de avaliação do processo

A avaliação da oficina, *BookTok na Escola: Sua Resenha Criativa!* fundamenta-se em uma perspectiva formativa, contínua e processual, em consonância com as diretrizes da BNCC para a área de Linguagens. Ao privilegiar práticas sociais de linguagem que integram múltiplos gêneros discursivos e formatos midiáticos, reconhece a centralidade da produção criativa e multimodal na formação de estudantes autônomos, críticos e capazes de intervir nas diversas esferas da vida social. Nesse sentido, a competência geral expressa na BNCC, “utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva”, orienta todo o processo avaliativo.

Nessa perspectiva, torna-se essencial “avaliar continuamente o que está acontecendo em toda a situação de ensino e aprendizagem em que este processo se realiza. Avaliar significa obter informações relevantes sobre a situação” (Solé, 1998, 165). Assim, a avaliação não se restringe ao produto final, mas contempla todo o percurso formativo, acompanhando o desenvolvimento das habilidades de leitura, interpretação, expressão criativa e uso crítico das mídias digitais.

O papel do professor, nesse contexto, é o de mediador que organiza, orienta e provoca o pensamento crítico, garantindo que os alunos se apropriem, de forma significativa, tanto da leitura literária quanto dos recursos discursivos característicos das mídias digitais. Essa atuação envolve promover a articulação entre o universo cultural juvenil e as demandas formativas da escola, de modo a potencializar o interesse pela leitura e incentivar a reflexão crítica sobre as estratégias multimodais e persuasivas que permeiam a produção de conteúdo no *BookTok*.

O acompanhamento da aprendizagem, no âmbito do projeto, ultrapassa a mera verificação do produto final, a vídeo-resenha em formato de *BookTok*, para abarcar todo o percurso realizado pelo estudante. Cada etapa do processo é valorizada: a ativação de conhecimentos prévios, a análise crítica de conteúdos já existentes, a elaboração do roteiro, a produção, a edição, assim como a socialização do material desenvolvido. Tal perspectiva evidencia que o essencial não está apenas no resultado, mas na experiência formativa que se constrói ao longo do caminho. Nesse sentido, o registro de impressões e análises se revela fundamental, sendo operacionalizado por meio de fichas de acompanhamento. Nelas, os estudantes anotam as motivações que os levaram à escolha da obra, registram observações por capítulos, selecionam citações significativas, formulam reflexões e questionamentos emergentes, além de sistematizarem suas impressões finais sobre o livro.

Essa compreensão encontra respaldo na concepção de avaliação proposta por Solé (1998), para quem é necessário reconhecer diferentes dimensões do processo avaliativo:

Assim, encontramos a avaliação inicial, através da qual obtemos informações sobre a bagagem com que o aluno aborda a atividade de leitura; a avaliação somativa, no final do processo, mediante a qual podemos estabelecer um balanço do que o aluno aprendeu, e a avaliação formativa, que nos informa sobre o desenvolvimento do próprio processo e nos permite intervir no mesmo para ajustá-lo progressivamente (Solé, 1998, p. 164).

Desse modo, torna-se evidente que avaliar não se reduz a mensurar resultados, mas implica acompanhar e intervir, de forma contínua, no desenvolvimento das aprendizagens.

No projeto, os critérios de avaliação não são apresentados de modo estanque ou rígido, mas se integram organicamente ao processo pedagógico. Entre os aspectos considerados, destacam-se o comprometimento e a participação ativa dos estudantes, a clareza e a coerência na elaboração do roteiro, a profundidade da análise literária, a criatividade no uso dos recursos multimodais, a adequação ao gênero digital proposto e a capacidade de construir argumentos fundamentados. Além desses elementos, o trabalho colaborativo é valorizado, sobretudo no oferecimento de devolutivas construtivas e na abertura para receber contribuições dos colegas. O momento de culminância, marcado pela apresentação dos vídeos em sala de aula e pela realização de rodas de conversa, constitui espaço privilegiado de reflexão coletiva, em que os estudantes não apenas expõem suas produções, mas também problematizam criticamente as potencialidades e os limites do *BookTok* enquanto espaço de mediação cultural.

Como observa Solé (1998, p. 170), “não se trata tanto de buscar situações específicas de avaliação, mas de tentar fazer com que as situações de ensino/aprendizagem possam

proporcionar a informação necessária para avaliar”. Essa perspectiva confere, dessa forma, fluidez e autenticidade ao processo, afastando-o de esquemas fixos e artificiais de mensuração.

Assim, a avaliação no projeto assume caráter essencialmente formativo e reflexivo, pois prioriza a aprendizagem contínua e a capacidade de transitar entre diferentes linguagens de modo ético, criativo e crítico. Ao fazê-lo, alinha-se às competências previstas para a formação integral de sujeitos letrados no século XXI, reafirmando a centralidade da leitura e da produção de sentidos no processo educativo.

5. CONCLUSÕES

A oficina *BookTok em Sala de Aula: Sua Resenha Criativa!* demonstra que a escola pode ocupar um papel protagonista na articulação entre a cultura digital e a formação leitora, transformando práticas espontâneas do cotidiano juvenil em oportunidades pedagógicas sistematizadas. Ao aproximar a leitura literária das linguagens e dinâmicas do *BookTok*, rompe-se com a dicotomia entre o espaço escolar e o universo digital, favorecendo a construção de pontes que legitimam o saber do aluno, ao mesmo tempo que o desafiam a ampliar seu repertório crítico, estético e comunicativo.

Desse modo, a experiência aqui relatada aponta para caminhos férteis na formação de leitores e produtores de conteúdo no século XXI: sujeitos capazes de dialogar com múltiplas linguagens, interpretar criticamente o fluxo informacional que os cerca e intervir, de forma criativa e responsável, nos espaços de circulação de sentidos da cultura digital. Trata-se, em última instância, de formar cidadãos letrados, críticos e atuantes, aptos a compreender e transformar o mundo que habitam dentro e fora das telas.

A investigação realizada evidenciou que os *booktokers* constituem sujeitos de mediação cultural com potencial de colaborar na formação do hábito de leitura entre adolescentes. O fenômeno do *BookTok*, ao se apoiar em recursos multimodais, como imagem, som, performance e linguagem coloquial, aproxima o universo literário do cotidiano juvenil, tornando-o mais acessível, dinâmico e atrativo. Tal mediação não apenas amplia a circulação de obras literárias, mas também reconfigura as formas de recepção e compartilhamento de experiências de leitura, inserindo-as em um contexto participativo e interativo que dialoga diretamente com a cultura digital contemporânea.

Os impactos positivos dessa prática são notórios. O primeiro diz respeito à capacidade de engajamento: os vídeos curtos, marcados pela expressividade e pelo apelo emocional, despertam a curiosidade dos adolescentes e favorecem a formação de comunidades de leitores que se reconhecem em experiências comuns. Além disso, o *BookTok* promove a revitalização de clássicos literários e o impulsionamento de títulos contemporâneos, ampliando a diversidade de leituras em circulação. Outro aspecto relevante é o protagonismo juvenil: ao replicarem, adaptarem e produzirem seus próprios conteúdos, os adolescentes assumem um papel ativo na construção de sentidos, desenvolvendo autoria, criticidade e letramento digital. Nesse sentido, a incorporação pedagógica do *BookTok* possibilita o desenvolvimento de competências leitoras

alinhadas à Base Nacional Comum Curricular, sobretudo no que tange à valorização dos multiletramentos e à formação de sujeitos críticos, criativos e autônomos.

Contudo, também se fazem presentes impactos negativos que precisam ser cuidadosamente analisados. A lógica algorítmica e a estética do imediatismo próprias do TikTok tendem a favorecer consumos superficiais e leituras fragmentadas, o que pode comprometer a atenção sustentada e a relação profunda com o texto literário. Além disso, há o risco de homogeneização de repertórios, uma vez que as tendências ditadas pela plataforma privilegiam determinados gêneros ou autores, reduzindo a diversidade cultural em circulação. Some-se a isso a possibilidade de os estudantes associarem a leitura exclusivamente ao entretenimento veloz, desconsiderando sua dimensão ética, estética e formativa. Pesquisas recentes também alertam para os efeitos da gratificação instantânea proporcionada por plataformas digitais, que podem impactar negativamente funções cognitivas como memória, concentração e planejamento, especialmente em sujeitos em processo de desenvolvimento.

Diante desse quadro, conclui-se que os *booktokers* podem, sim, colaborar de maneira significativa na formação do hábito de leitura entre adolescentes, mas tal contribuição depende de um trabalho pedagógico intencional e crítico. A apropriação escolar do *BookTok* deve ocorrer sob mediação docente, de forma a potencializar seus benefícios – como o engajamento, a circulação de obras e a autoria juvenil – e, ao mesmo tempo, mitigar suas limitações – como a superficialidade, a dispersão e a padronização de leituras.

Assim, a presença dos *booktokers* no cenário educacional não deve ser encarada como ameaça à leitura tradicional, mas como oportunidade de ressignificação. Ao reconhecer e integrar os repertórios digitais dos adolescentes, a escola legitima suas práticas culturais e cria condições para que a leitura seja vivenciada como experiência estética, cognitiva e socialmente relevante. Cabe, portanto, ao educador assumir o papel de mediador crítico, capaz de transformar a influência dos *booktokers* em um recurso pedagógico que não apenas aproxima os jovens da literatura, mas também os forma como leitores críticos, sensíveis e participativos, preparados para atuar em uma sociedade marcada pela complexidade e pela ubiquidade das tecnologias digitais.

6. FICHAS DE ACOMPANHAMENTO

ESCOLHA E EXPECTATIVA DE LEITURA		
Nome:		Turma:
Título:		
Autor:		
Editora:	Ano:	Nº de páginas:
Motivo da escolha:		
Expectativas antes da leitura:		
Impressões iniciais sobre o título e a capa:		

ACOMPANHAMENTO DA LEITURA	
Capítulo(s) lido(s):	Páginas:
Síntese:	
Personagens em destaque:	
Características principais:	
Espaço e tempo da narrativa:	
Tema(s) abordado(s):	

Trecho marcante:
Motivo:
Impressões pessoais:

REFLEXÃO FINAL
Data de término da leitura:
Síntese da obra:
O que mais chamou sua atenção:
Relações com a realidade:
Mensagem ou reflexão da obra:
Linguagem e estilo do autor(a):
AVALIAÇÃO PESSOAL
Você recomendaria este livro a outros colegas? Por quê?

Como você se percebe como leitor(a) após esta leitura?

Que estratégias de leitura você usou para compreender melhor o texto?

O que esta obra acrescentou à sua visão de mundo?

Como a leitura deste livro dialoga com outros textos, filmes, músicas ou experiências pessoais?

DECLARAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso foi feito sem uso de inteligências artificiais, sendo de nossa responsabilidade seu conteúdo.

REFERÊNCIAS

- BORDIGNON, Cristina; BONAMIGO, Irme Salete. Os jovens e as redes sociais virtuais. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, p. 310-326, 2017. Disponível em: http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2456. Acesso em: 07 ago. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BUCKINGHAM, D. Aprendizagem e cultura digital. **Revista Pátio**, Ano XI, n. 44, jan. 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/35090236/Aprendizagem_e_Cultura_Digital. Acesso em 17 fev. 2025.
- CARVALHO, R. P. M.; FERREIRA, R. J. S. O fenômeno TikTok: a influência da rede digital na identidade do adolescente. **Cambiassu**, [S. l.], v. 19, n. 34, p. 175–192, 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/24996>. Acesso em 03 mai. 2025.
- CETIC.BR. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2022** Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2022/>. Acesso em: 07 ago. 2024.
- CHEN, Y.; LI, M.; GUO, F.; WANG, X. The effect of short-form video addiction on users' attention. **Behaviour & Information Technology**, [S. l.], v. 42, n. 11, p. 1130–1143, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0144929X.2022.2151512>. Acesso em 03 mai. 2025.
- CHIOSSI, F. et al. Short-form videos degrade our capacity to retain intentions: effect of context switching on prospective memory. In: **Proceedings of the 2023 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems (CHI '23)**, Hamburg, Germany. New York: ACM, 2023. p. 1–13. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2302.03714>. Acesso em 03 mai. 2025.
- FAN, R. The impact of TikTok short videos on anxiety level of juveniles in Shenzhen, China. In: ZHAN, Z. et al. (Ed.). **Proceedings of SEAA 2022**. [S. l.]: ASSEHR, 2023. p. 535–542. Disponível em: <https://www.atlantis-press.com/proceedings/seaa-22/125976863>. Acesso em 03 mai. 2025.
- FOLHA DE S.PAULO. **TikTok provoca filas de dez horas por livros grátis, e livrarias veem agressão**. São Paulo, 15 dez. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/12/tiktok-provoca-filas-de-dez-horas-por-livros-gratis-e-livrarias-veem-agressao.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- GOTLIEB, R. J. M. et al. Becoming literate: educational implications of coordinated neuropsychological development of reading and social-emotional functioning among diverse youth. **Literacy Research**, [S. l.], v. 71, p. 80–132, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/23813377221120107>. Acesso em 03 mai. 2025.
- GUIA DO ESTUDANTE. **10 booktokers que você precisa seguir no TikTok**. Abril, 2022. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/10-booktokers-que-voce-precisa-seguir-no-tiktok/>. Acesso em: 18 set. 2025.

INSTITUTO CLARO. **BookTok**: como usar o fenômeno literário do TikTok para estimular a leitura de alunos. Instituto Claro, 2023. Disponível em:

<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/reportagens/booktok-como-usar-o-fenomeno-literario-do-tiktok-para-estimular-a-leitura-de-alunos/>. Acesso em: 18 set. 2025.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 6ª ed. São Paulo, 2024.

Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

LAJOLO, Marisa. A censura moralista. **Estadão**. São Paulo. 16/08/2010. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/a-censura-moralista/>. Acesso em: 08 ago. 2024.

LEMOS, André. **Cibercultura, Cultura e Identidade**: Em direção a uma “Cultura Copyleft”? São Paulo: Fórum Cultural Mundial, 2004. Disponível em:

<https://facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/copyleft.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2025.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. Práticas Leitoras Multimídiais e Formação de Leitores: a leitura como ato criativo, participativo e dialógico. In: NEVES, I. C. B.; MORO, E. L. S.; ESTABEL, L. B. (Org). **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p. 159-166.

MARTINS, Dalton Lopes. As práticas da cultura digital. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 7, p. 55-60, nov. 2018. Disponível em:

https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/revista/Revista_CPFn07.pdf#page=51. Acesso em: 18 fev. 2025.

MARXREITER, Rafael et al. **Autoavaliação: um olhar de inovação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/40408>. Acesso em: 18 set. 2025.

MIGALHAS. “Literatura é mó legal”: booktoker divulga Machado de Assis nas redes.

Migalhas, 2021. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/357246/literatura-e-mo-legal--booktoker-divulga-machado-de-assis-nas-redes>. Acesso em: 18 set. 2025.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Mediadores de Leitura na Família, na Escola, na Biblioteca, na Bibliodiversidade. In: NEVES, I. C. B.; MORO, E. L. S.; ESTABEL, L. B. (Org). **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p. 41-63.

NIELSEN BOOKDATA; CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Estudo dos hábitos de compra de livros no Brasil**. São Paulo: CBL, dez. 2023. Disponível em:

https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2024/02/1701890856753Pesquisa20Panorama20do20Consumo20de20Livros_para20publicaC3A7C3A3o_V1.pdf. Acesso em 04 abr. 2025.

PASSIANI, Enio; ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Cultura. In: **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

PEDROUZO, S. B.; KRYNSKI, L. Hyperconnected: children and adolescents on social media. Archivos Argentinos de **Pediatria**, Buenos Aires, v. 121, n. 4, p. e202202674, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36692353/> Acesso em 03 mai. 2025.

PRETTO, N. D. L.; SILVEIRA, S. S. (Org). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/22qtc>. Acesso em 28 abr. 2024.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo. See: CenP, 2004. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=Z8CBZKcAAAAJ&citation_for_view=Z8CBZKcAAAAJ:q-HalDI95KYC. Acesso em: 22 abr. 2024.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias e linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. *Revista FAMECOS*, v. 10, n. 22, p. 23–32, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3229>. Acesso em: 08 ago. 2024.

SANTAELLA, Lucia. **Desafios da Ubiquidade para a Educação**. Ensino Superior Unicamp, v. 9, p. 19-28, 2013. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf. Acesso em 29 abr. 2025.

SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Org.). **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/linklivre/noticias/31-culturadigital-br-download>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SILVA, Aline Iracy Rodrigues; FERREIRA, Helena Maria. - **Videoanimação em sala de aula: dimensões teóricas e metodológicas** – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/07/eBook_videoanimacao-sala-aula.pdf. Acesso em: 18 set. 2025

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução: Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre : Penso, 1998.

SOUSA, RP., et al., orgs. **Teorias e práticas em tecnologias educacionais [online]**. Campina Grande: EDUEPB, 2016, 228 p. ISBN 978-85-7879-326-5. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/fp86k/pdf/sousa-9788578793265.pdf#page=66>. Acesso em: 17 fev. 2025.

TIKTOK. **TikTok abre livraria e distribui 100 mil livros gratuitamente na Avenida Paulista**. 2024. Disponível em: <https://newsroom.tiktok.com/pt-br/tiktok-abre-livraria-e-distribui-100-mil-livros-gratuitamente-na-avenida-paulista>. Acesso em: 24 abr. 2025.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. *Avaliação formativa e autoavaliação: desafios e possibilidades*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 15-42, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/HsS3KwtYmpFjWXn6qV9gcsj>. Acesso em: 18 set. 2025.

YUS, F. **Cyberpragmatics: Internet-mediated communication in context**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/books/9789027284662#cited>. Acesso em: 17 fev. 2025.

ZENHA, Luciana. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam? **Caderno de Educação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 49, p. 19-42. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809>. Acesso em: 29 ago. 2025.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Editora Contexto, 1991.